

ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE FEMININA NOS POEMAS *PRIMITIVA E CENTENÁRIA* DE MARLI WALKER

ANCESTRALITY AND FEMININE IDENTITY IN THE POEMS *PRIMITIVA AND CENTENÁRIA* BY MARLI WALKER

Suzely Ferreira da Silva¹

Edson Flávio Santos²

Recebimento do Texto: 30/03/2025

Data de Aceite: 25/04/2025

Resumo: A presente pesquisa investiga a poética dos ossos como metáfora central da ancestralidade feminina na obra *Jardim de Ossos* (2020), de Marli Walker, com ênfase nos poemas *primitiva* e *centenária*. Por meio de uma análise atenta das imagens e da linguagem evocativa, conclui-se que os ossos não simbolizam apenas a corporeidade da protagonista, mas funcionam como repositórios de memória histórica e cultural, refletindo as experiências e as lutas das mulheres ao longo das gerações. A fundamentação teórica apoia-se nas contribuições de Simone de Beauvoir (1990), Antonio Candido (2000), Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha (2009), entre outros. Nos poemas analisados, a autora evoca uma tradição viva, em que as vozes ancestrais permeiam a vivência do eu poético e estabelecem um espaço de diálogo entre passado e presente.

Palavras-chave: Ancestralidade Feminina. Corpo. Memória. Metáfora. Poesia Contemporânea.

Abstract: This research investigates the poetics of bones as a central metaphor for female ancestry *Jardim de Ossos* (2020), in Marli Walker with an emphasis on the poems *primitiva* and *centenária*. Through a careful analysis of the images and evocative language, it is concluded that bones not only symbolise the protagonist's corporeality, but also function as repositories of historical and cultural memory, reflecting the experiences and struggles of women across generations. The theoretical foundation is based on the contributions of Simone de Beauvoir (1990), Antonio Candido (2000), Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha (2009), among others. In the poems analysed, the author evokes a living tradition, in which ancestral voices permeate the experience of the poetic self and establish a space for dialogue between past and present.

Keywords: Female Ancestry. Body. Memory. Metaphor. Contemporary Poetry.

1 Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Tangará da Serra. Participa do Grupo de Estudo e Pesquisa em Direitos Fundamentais e Interdisciplinaridade (GEDIFI/UNEMAT/CNPQ), na linha de pesquisa "Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais e Direitos da Natureza". É graduada em Filosofia pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário do Médio Araguaia Dom Pedro Casaldáliga. Participou como bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa de Formação de Células Cooperativas (FOCCO). E-mail: suzely.silva@unemat.br

2 Docente credenciado no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso, onde cursou mestrado e doutorado. É escritor, ator, produtor cultural e pesquisador. Possui obras de escrita criativa e científica publicadas, como Aldrava (2020), As utopias e resistências de Pedro Casaldáliga-Escritos e Escolhidos (2021), Intermitência (2023) e Antes do Amanhã (2024). E-mail: edson.flavio@unemat.br

Introdução

A poesia é uma janela aberta para a alma, um vislumbre da essência do ser humano. Por meio dela, podemos explorar os recantos mais profundos do nosso ser, dar voz às nossas angústias e celebrações, e encontrar consolo nas palavras. A poesia é uma arte que transcende o tempo e o espaço, conectando gerações e culturas através da linguagem universal das emoções.

(Elizabeth Bishop)

Ao ser compreendida como forma de expressão e intervenção, a literatura torna-se, segundo Antonio Candido (2000), um espaço de resistência, onde identidades são afirmadas e reinventadas. Nesse contexto, a escrita das mulheres assume papel fundamental ao dar visibilidade a vivências historicamente silenciadas nas narrativas dominantes. Segundo Constância Lima Duarte (2003, p. 3), o feminismo literário brasileiro passou a ganhar força a partir da segunda metade do século XX, momento em que as autoras começaram a “questionar os valores patriarcais e a propor novas formas de representação da mulher na literatura”.

Além disso, autoras como Clarice Lispector, Lya Luft e Hilda Hilst contribuíram para a constituição de uma escrita que problematiza os papéis de gênero e subverte os códigos tradicionais de representação. Nesse sentido, a poesia escrita por mulheres se apresenta como manifestação estética e, ao mesmo tempo, como gesto político de apropriação da linguagem e de afirmação de subjetividades múltiplas.

Esse gesto ganha ainda mais potência quando se insere numa perspectiva de ancestralidade. A evocação da linhagem feminina, da memória coletiva e das experiências que atravessam corpos e gerações torna-se central na construção da identidade poética contemporânea. Dessa maneira, a escrita feminina transforma a narração em vivências em um entrelaçamento de tempos, territórios e silêncios históricos e resgata aquilo que foi silenciado pelo cânone literário.

A poesia, por sua forma sintética e evocativa, tem o poder de condensar experiências em imagens que mobilizam o leitor de modo intenso. Essa característica a torna especialmente eficaz para explorar os múltiplos sentidos da identidade feminina, sobretudo quando corpo, memória e ancestralidade se

cruzam como dimensões inseparáveis. Nesse cenário, em que a imagem poética adquire papel central na articulação de subjetividades e heranças coletivas, destaca-se a escrita de Marli Walker³, que utiliza metáforas e simbolismos para evocar temas centrais à experiência feminina.

A imagem literária, conforme argumenta Danielle Rocha Pitta (2017), é simultaneamente uma categoria e um evento, sendo descrita da seguinte forma:

Dita literária a imagem a meio caminho do sonho e da imagem sábia, que é fonte de um grande número de metáforas que constituem um comentário; mas cada imagem literária, fruto da criatividade verbal, apresenta-se também como um surgimento imprevisível, um renovamento único das imagens preexistentes, cuja forma mais alta é a pura metáfora, reduzida a uma forma verbal concisa (PITTA, 2017, p. 46).

Esse conceito de imagem literária se aplica à poética da autora, na qual a metáfora dos ossos, por exemplo, transcende a simples representação da corporeidade feminina e se transforma em um ponto de encontro entre o presente e o passado, que conecta diferentes gerações de mulheres através da memória coletiva. Ao explorar essa simbologia, a autora dialoga com a tradição literária das metáforas e também estabelece uma conexão entre a ancestralidade e a identidade feminina contemporânea.

Nos poemas *primitiva* e *centenária*, que fazem parte da obra *Jardim de Ossos* (2020), a escritora constrói uma linguagem simbólica em que os ossos representam a resistência das mulheres ao longo do tempo, sendo portadores de memória e história. Através dessa metáfora, a autora nos convida a refletir sobre como as experiências femininas se perpetuam, se relacionam e se transformam. Dessa forma, uma ponte é estabelecida entre o passado e o presente, o que destaca a continuidade das vozes femininas e a importância da memória na construção da identidade.

Este estudo, portanto, se propõe a analisar como Walker ressignifica a

3 O site Ruído Manifesto oferece uma breve bibliografia de poetas, romancistas, contistas, pintores, compositores e/ou outros artistas que nasceram e/ou produzem além da fronteira leste e seus arredores. A iniciativa busca dar visibilidade a essas vozes e perspectivas, oferecendo um espaço importante para artistas que desafiam normas e apresentam visões inovadoras sobre suas realidades. Segue o link do site, onde é possível ter acesso à biografia da escritora citada: <https://ruidomanifesto.org/>.

ancestralidade feminina e utiliza a linguagem poética para explorar a interseção entre diferentes tempos e espaços. Ao investigar como a memória das gerações passadas molda a identidade feminina contemporânea, a autora contribui para a valorização das experiências coletivas das mulheres, o que reforça o papel da literatura como espaço de resistência e ressignificação das vozes femininas ao longo da história.

As vozes femininas nos poemas de Walker

A literatura de autoria feminina tem se destacado ao discutir temas como identidade, memória e ancestralidade, o que traz reflexões sobre a complexidade da experiência feminina. Nas obras de autoras contemporâneas, o corpo feminino emerge como um símbolo carregado de significados, que conecta o indivíduo a uma rede de memórias coletivas. A metáfora dos ossos, em particular, é um recurso poético utilizado para evocar tanto a corporeidade quanto as marcas deixadas pelas gerações anteriores, que destaca a interseção entre o físico e o simbólico na formação da identidade.

Por meio dessa imagem, Walker nos convida a refletir sobre como a memória e a identidade são moldadas por camadas históricas que se inscrevem no corpo e na vida das mulheres contemporâneas. Ao ressignificar os ossos em símbolos poéticos, a autora oferece uma leitura profunda das complexidades que cercam a experiência feminina.

Em *primitiva*, o primeiro poema a ser analisado, desenvolve-se uma profunda reflexão sobre a ancestralidade feminina, ao explorar como as experiências de gerações passadas se inscrevem no corpo do eu lírico. A imagem dos ossos, ao ser evocada, conecta a corporeidade à memória histórica, e dá forma a um espaço onde vozes femininas se entrelaçam. Essa perspectiva pode ser compreendida à luz das reflexões de Beauvoir em *O Segundo Sexo*, onde ela afirma que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 9), que sublinha que a identidade feminina é uma construção social moldada pelas experiências e expectativas que atravessam gerações.

Como observa Martha Robles (2022):

À condição feminina não se permite nenhuma possibilidade intermediária: é- se mulher ou não; assume ou nega seu compromisso; valoriza ou desvirtua sua graça; afirma-se no movimento intrínseco à sua natureza ou cede à tentação do abismo e leva consigo o homem e todos os seres que a acompanham. Intuitivamente, as gerações reconhecem aquela que é realmente mulher daquela que não o é. “Uma grande mulher”, reza o lugar-comum quando se percebe uma personalidade radiante ao redor da qual se respira a autoridade que prodigaliza uma feminilidade consumada no alto reconhecimento de si mesma em benefício e a serviço dos demais. E chama-se a ela mulher talvez sem reparar na leveza vigorosa que inspira sua graça ou na elegante harmonia que, mesclada de dor e de alegria, difunde tanto o questionamento crítico de sua realidade como o saldo de esperança que anima sua certeza vital (ROBLES, 2022, p. 7).

Essa visão das expectativas sociais em torno da feminilidade pode ser contraposta à forma como a literatura contemporânea de autoria feminina, especialmente a poesia, aborda e reinterpreta essas imposições. A obra *Jardim de Ossos* também trata da complexidade da identidade feminina, ao analisar as diversas camadas que a constituem.

Nesse contexto, Juliana Cavalcante de Azevedo (2018) observa que:

A produção literária de autoras mulheres passa a ser observada sob uma nova perspectiva, deixando de ser vista como mera imitação dos modelos e valores do cânone literário. [...] O principal ponto de inversão da perspectiva dos valores tradicionais observado em obras de autoras como Clarice Lispector reside no fato de que as novas escritoras se recusam a representar as mulheres seguindo os estereótipos tradicionalmente (re)produzidos pelo olhar masculino, passando a explorar as múltiplas possibilidades da identidade feminina (AZEVEDO, 2018, p. 1).

A citação evidencia como a literatura escrita por mulheres tem rompido com paradigmas tradicionais, assumindo um papel ativo na construção de novos imaginários sobre o feminino. Nesse sentido, a identidade feminina é compreendida como um processo em constante transformação, profundamente influenciado pela herança cultural e pelas inúmeras lutas enfrentadas ao longo

da história, e que é continuamente ressignificado tanto pelas imposições sociais quanto pelas formas de resistência e reinvenção presentes na escrita literária.

Antes de iniciarmos a análise do poema, é crucial observar como a estrutura e a linguagem de *primitiva* refletem a complexidade da experiência feminina. A repetição das expressões que evocam o sofrimento e a luta, como “tantos partos e perdas” e “o leite empedrado no seio”, destaca a dor coletiva que permeia a vivência das mulheres. Nesse sentido, a partir da leitura deste poema, podemos vislumbrar como a poetisa elabora um diálogo poderoso entre a corporeidade e a memória ancestral que reverbera através do tempo.

primitiva

meus ossos minerais
carregam várias mulheres
sinto-as todas
(antigas e constantes)
sobre a coluna cervical

(agente firme, diz uma tia-avó
é melhor não se envolver, diz outra)

são tantas mulheres
em meus ossos paleolíticos
tantos detritos
tantas noites em claro
tantos partos e perdas
o leite empedrado no seio
de todas elas em mim

no fundo escuro da caverna
eu (primitiva e extenuada)
ainda afago os cabelos
de minha bisavó
(e às vezes choro um pouco)

(WALKER, 2020, p. 14)

O poema inicia com “meus ossos minerais”, e estabelece uma conexão entre o eu lírico e a terra, que sugere uma origem primordial e a materialidade da existência. A escolha da palavra “minerais” revela tanto uma ligação com

a natureza quanto a ideia de permanência e força, como se as experiências de inúmeras mulheres estivessem inscritas fisicamente na voz poética. A expressão “carregam várias mulheres” amplia essa conexão, e indica que os ossos são repositórios de uma história compartilhada, onde a ancestralidade se manifesta de forma visceral.

A seguir, “sinto-as todas (antigas e constantes)” reforça a noção de uma continuidade temporal. Essa vivência evocada não é apenas um eco do passado, mas um presente que se vive, que mostra a permanência da dor e das experiências femininas. As vozes ancestrais se tornam companheiras na vivência do eu lírico, e enfatizam a interconexão entre o passado e o presente.

Diálogos internos, como “ágente firme, diz uma tia-avó” e “é melhor não se envolver, diz outra”, revela a tensão entre resistência e conformidade nas experiências femininas. Esses conselhos, provenientes de vozes do passado, criam um espaço de reflexão sobre as expectativas sociais e os desafios enfrentados pelas mulheres. A diversidade das vozes das antepassadas, com suas orientações e advertências, destaca a complexidade das relações familiares e a luta pela autonomia.

A referência a “tantos partos e perdas” e “o leite empedrado no seio de todas elas em mim” são particularmente impactantes, e refletem as dores e as alegrias que definem a experiência feminina. Aqui, a autora evidencia a carga emocional que essas vivências representam, não só para a voz poética, mas para todas as mulheres que a precederam. A menção a “partos” e “perdas” traz à tona a dualidade da vida, onde a criação e a dor coexistem. Já o “leite empedrado” simboliza tanto a nutrição quanto a frustração, e com isso revela um ciclo de sacrifícios que atravessa gerações e permanece inscrito no corpo feminino como testemunho ancestral.

Nos versos finais, “eu (primitiva e extenuada) ainda afago os cabelos de minha bisavó (e às vezes choro um pouco)”, o eu lírico se apresenta como parte de uma linhagem de mulheres, com uma sensibilidade que une passado e presente. A referência à bisavó sugere uma busca por conexão e compreensão, onde a dor é compartilhada e reconhecida. O ato de “afagar os cabelos” é íntimo e carinhoso, ao representar um momento de ternura que contrasta com a exaustão das lutas enfrentadas.

No entanto, em *primitiva*, a autora cria uma poética que vai além da materialidade dos ossos, transformando-os em símbolos de resistência, memória e ancestralidade. Através de uma linguagem evocativa e imagens poderosas, o poema revela a intersecção entre dor e resiliência na experiência feminina. Nesse processo, o eu lírico dá voz às suas antepassadas e reinterpreta essa herança como força modeladora de sua identidade, o que estabelece um espaço onde passado e presente se entrelaçam em um diálogo contínuo. Essa abordagem oferece uma reflexão profunda sobre a construção da identidade feminina, além de destacar a importância da resignificação da ancestralidade na vida contemporânea, dando visibilidade às vozes e experiências de gerações passadas.

Nesse contexto, a ideia de memória ganha uma nova dimensão, especialmente quando consideramos a teoria de Maurice Halbwachs (2006) sobre a memória em grupo. Para o autor, a memória coletiva é um componente essencial na construção da identidade, tanto individual quanto social. As lembranças pessoais, embora pareçam privadas, são profundamente moldadas pelas interações e pelo contexto social em que nos inserimos, sendo, portanto, indissociáveis das memórias compartilhadas dentro de uma comunidade. Nesse sentido, as memórias das antepassadas, ainda que transmitidas de forma indireta, permanecem vivas e influenciam as novas gerações, o que reforça a continuidade da cultura e da identidade feminina ao longo do tempo.

Ecléa Bosi (1994) afirma, considerando o sociólogo francês Halbwachs:

Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos (BOSI, 1994, p. 413).

O autor ressalta que Halbwachs vincula a memória individual à memória do grupo, que, por sua vez, se conecta à esfera mais ampla da tradição, ou seja,

à memória coletiva de cada sociedade. Nesse processo de conexão, a linguagem desempenha um papel fundamental, pois facilita a comunicação e a interação humana, e serve como âncora para a memória dos grupos. Assim, a memória coletiva é compreendida como um elemento que reafirma o passado, fortalece a coesão e um sentimento de pertencimento entre os indivíduos de determinados grupos, que, por sua vez, sustentam essa memória.

No segundo poema a ser analisado, *centenária*, a autora propõe uma reflexão sobre a passagem do tempo e as experiências acumuladas ao longo de uma vida. Com uma linguagem simples e uma estrutura repetitiva, ela traz memórias, sentimentos e reflexões que revelam a complexidade da existência feminina. A voz do eu poético transmite introspecção, que reflete tanto as dificuldades enfrentadas quanto as conquistas celebradas ao longo de um século. Neste poema, a autora nos leva a considerar a relação entre a força e a fragilidade da vida. Cada momento vivido, nesse contexto, torna-se elemento fundamental na construção da identidade e da memória coletiva das mulheres.

centenária

ai de mim
destes cem anos vividos
destas vidas inventadas
destes contos mal contados
destes ossos ainda firmes
deste pó ainda compacto
destes lábios tão sedentos
destas ideias acesas
desta mesa ainda posta
desta poesia exposta
destas costas ainda largas
destes dentes tão cortantes
desta língua tão açoite
deste olhar iluminado
destes sentidos despertos
desta fome que não cessa
deste peito a céu aberto
desta coragem segura
destes dedos agitados
desta poesia insistente
desta mente dissoluta
desta força absoluta

desta coluna ereta
destas unhas bem cuidadas
deste cabelo pintado
deste loiro falseado
desta hora incalculada
destas memórias cortantes
destas bacantes noitadas
desta doença sem cura
desta demente escritura
destes cem anos ou mais

(WALKER, 2020, p. 70)

O poema se inicia com a expressão “ai de mim”, que estabelece um tom de lamento e introspecção. Essa interjeição sugere um reconhecimento da carga emocional que acompanha a reflexão sobre os cem anos vividos. A repetição da palavra “deste” ao longo do poema funciona como um catálogo de experiências, que destaca a multiplicidade e a diversidade das vivências ancestrais.

A estrutura repetitiva não apenas reforça a acumulação de experiências, mas também sugere uma consciência da passagem do tempo, em consonância com a ideia de Beauvoir em *A Velhice* (1990), onde ela discute como a vida das mulheres é frequentemente marcada por narrativas que refletem as expectativas sociais e as imposições do tempo. Beauvoir observa que as mulheres são definidas em função da sua capacidade de se adaptar às exigências sociais, o que ressalta como essas expectativas moldam a percepção e a experiência da vida das mulheres, especialmente em relação à velhice.

Sobre o verso “destas vidas inventadas” indica a capacidade do eu lírico de moldar sua própria história, alinhando-se com a noção de Beauvoir sobre a construção da identidade feminina. Para Beauvoir (1990), as mulheres têm o poder de reinventar suas trajetórias e, assim, desafiar as limitações impostas pela sociedade. Walker, ao reconhecer a imperfeição das memórias em “destes contos mal contados”, reflete essa complexidade da experiência feminina, onde a história não é linear e é marcada por uma multiplicidade de vozes e relatos.

Ao mencionar “destes lábios tão sedentos” e “desta língua tão açoite” revelam a dualidade da busca por prazer e a dor que muitas vezes acompanha a expressão. Essa ambivalência também está presente na poesia de Adélia Prado,

que, em *Bagagem* (1976), inaugura uma escrita marcada pela tensão entre corpo e espírito, cotidiano e transcendência, desejo e silêncio. A linguagem, para a autora, é espaço de revelação e enfrentamento, um instrumento que tanto expõe as feridas quanto sustenta a coragem. Assim como no verso “desta coragem segura”, a força do eu lírico emerge da vivência e da luta, elementos centrais na construção da identidade feminina que se manifesta por meio da palavra.

Os versos “deste peito a céu aberto” e “desta força absoluta” simbolizam a vulnerabilidade, mas também a força que vem da honestidade emocional. A autora revela como a experiência feminina é muitas vezes marcada pela coragem de se expor e de enfrentar as dores do passado. O verso “destas memórias cortantes” sugere que as lembranças, embora dolorosas, são cruciais para a construção da identidade. A insistência na poesia como um meio de expressão, mencionado em “desta poesia insistente”, reflete a resistência da voz feminina que, mesmo diante das dificuldades, continua a encontrar formas de se manifestar.

Em *centenária*, a autora apresenta uma meditação rica e complexa sobre a experiência feminina ao longo de um século. Através de uma linguagem evocativa e de uma estrutura repetitiva, ela tece um poema que não só celebra a força e a resiliência das mulheres, mas também reconhece suas fragilidades e complexidades. Além disso, a linguagem utilizada no poema amplia a compreensão da experiência feminina ao longo do tempo. As escolhas lexicais e a estrutura do poema criam um ritmo que reflete a cadência da vida, repleta de altos e baixos.

Esse ritmo, que espelha as variações da vida, se relaciona diretamente com o tema da ancestralidade, que permeia toda a construção do poema. A expressão “destas bacantes noitadas” evoca um sentido de celebração e conexão com tradições femininas que transcendem o tempo. Ao refletir sobre essas tradições, Walker constrói uma ponte entre passado e presente e dá visibilidade à permanência e continuidade das vivências femininas entre gerações.

Também se observa que essa interseção com o passado ressoa com a perspectiva de Conceição Evaristo (2017), que, por meio do conceito de *escrevivência*, afirma que a escrita da mulher negra é atravessada por memórias ancestrais, experiências coletivas e vozes silenciadas que se manifestam no presente. A voz do eu lírico, nesse sentido, é moldada pelas histórias das mulheres que a precederam, o que permite a construção de uma continuidade entre

diferentes gerações e reafirma a escrita como espaço de resistência e identidade.

O conceito de ancestralidade vai além das relações biológicas, como destaca Cunha (2009), que examina a ancestralidade como uma forma de se conectar não apenas com os antepassados, mas também com as tradições culturais e espirituais presentes na sociedade. Essa perspectiva enriquece ainda mais a leitura do poema e contribui para uma compreensão mais ampla da experiência feminina. Além disso, evidencia como as vozes coletivas, frequentemente silenciadas, são resgatadas e ganham expressão nas produções literárias contemporâneas.

A profundidade das reflexões em poemas como *primitiva* e *centenária* revelam a habilidade da escritora em capturar as várias dimensões da experiência feminina. Com emoção e sensibilidade, sua poética leva o leitor a refletir sobre a condição das mulheres ao revelar tanto suas alegrias quanto suas dores. A escrita se torna, assim, espaço de empatia, onde as múltiplas faces da experiência feminina ganham voz.

Nesse contexto, os poemas se destacam como uma contribuição significativa para a literatura contemporânea de autoria feminina, onde ancestralidade e identidade se entrelaçam em um diálogo dinâmico e multifacetado. Ao explorar a conexão entre o corpo e a memória, a autora revela como as experiências das mulheres ao longo do tempo moldam a compreensão da identidade feminina no presente. Essa intersecção não só enriquece a vivência individual, mas também ressalta a importância das vozes coletivas.

Considerações finais

O presente estudo traz uma reflexão aprofundada sobre como os poemas *primitiva* e *centenária* funcionam como espaços de mediação entre as experiências individuais e coletivas das mulheres, explorando as intersecções entre ancestralidade e identidade. Através da metáfora dos ossos, os poemas ressignificam o corpo feminino, transformando-o em um símbolo de resistência, memória e ancestralidade. Com recursos poéticos, Walker destaca o entrelaçamento das vivências femininas ao longo do tempo, refletindo as continuidades de luta e resiliência que moldam a identidade das mulheres contemporâneas.

Além disso, a análise dos poemas revela como as vozes ancestrais evocadas

nas imagens poéticas permitem uma reflexão crítica sobre as representações femininas e as memórias frequentemente marginalizadas. Ao resgatar essas experiências e reinterpretá-las, os poemas transformam o legado histórico feminino em uma força de resistência ativa. Essa articulação entre memória, identidade e ancestralidade contribui para uma compreensão mais complexa do papel das mulheres ao longo das gerações.

Ao longo desta pesquisa, observou-se que o diálogo entre passado e presente é central para a construção poética em *primitiva* e *centenária*. Dessa forma, os poemas reafirmam a importância da ancestralidade como elemento essencial na construção da identidade feminina no presente. A ressignificação das memórias e o diálogo com o passado oferecem uma nova perspectiva sobre a relevância das experiências femininas, frequentemente marginalizadas em discursos históricos tradicionais. *Primitiva* e *centenária* emergem como símbolos de resistência e continuidade, e ampliam a reflexão sobre o papel das mulheres na preservação e expressão de suas histórias ao longo do tempo.

Assim, conclui-se que os poemas analisados oferecem uma importante contribuição para a literatura contemporânea, ao propor uma nova forma de compreender a ancestralidade e a identidade feminina. A valorização das memórias coletivas e o resgate das vozes femininas reforçam a necessidade de revisitar as experiências das mulheres sob uma ótica que reconheça sua complexidade e força.

Referências

AZEVEDO, Juliana Cavalcante de. **Identidade contemporânea na literatura de autoria feminina: uma leitura de Perto do coração selvagem, de Clarice Lispector**. In: MOSTRA CIENTÍFICA UNICESUMAR, 2018, Maringá. Anais [...]. Maringá: UniCesumar, 2018. Disponível em: https://www.unicesumar.edu.br/mostra-2018/wp-content/uploads/sites/204/2018/11/juliana_cavalcante_de_azevedo.pdf. Acesso em: 22 jun. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo, Queros ED. Ltda. e EDUSP, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade** – Estudos de Teoria e História Literária. 8.ed. São Paulo: T. A. Queros, 2000.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. **Cultura com aspas: e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

EVARISTO, Conceição. A escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. São Paulo: Mina Comunicação e Arte; Itaú Social, 2020. p. 26–47.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1976.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. Tradução de Débora Dutra Vieira e William Lagos. São Paulo: Goya, 2022.

WALKER, Marli. **Jardim de Ossos**. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2020.